

## **Qualidade do ensino: do bem-estar à pandemia**

Kleiton Fagner Azevedo de Oliveira (UERN)  
[kleitonazevedo@alu.uern.br](mailto:kleitonazevedo@alu.uern.br)

Arlene Maria Soares de Medeiros (UERN)  
[arilenemaria.medeiros@gmail.com](mailto:arilenemaria.medeiros@gmail.com)

### **Introdução**

O presente trabalho trata de um estudo sobre a qualidade do ensino e como a estruturação da escola no seio social sofreu mudanças com a chegada da pandemia do novo coronavírus (Sars-Cov-2), provocando rupturas profundas na sociedade e, em particular, na educação (da Educação Infantil ao Ensino Superior). Visto que, se olharmos para as dimensões individual e social do homem, podemos considerá-las parte da estrutura do ensino escolar e que ambas convergem para um estado de bem-estar social, vemos como isso acontece: a educação é prática social de mão dupla: no plano individual se responsabiliza pela formação das pessoas por meio da atualização histórica do saber e, no social contribui para a constituição de uma sociedade mais justa e democrática. Fora desse espaço a educação perde seu sentido de emancipação humana (MEDEIROS, 2007)

Desta forma, objetivando assim contribuir com as discussões, seguimos o desenvolvimento da pesquisa, fazendo a leitura dos seguintes autores: Canário (2008), Gatti (2020) e Paro (2008), que foram sugeridas pela professora da disciplina de Gestão dos Processos Educativos, no 4º período do curso de Pedagogia, da UERN, durante o semestre 2022.1. Assim, feito as leituras decidimos por fazer uma abordagem de cunho qualitativo das ideias desenvolvidas pelos referidos autores. Contudo, surgiram questionamentos e inquietações sobre o tema, tais como: qual a métrica da qualidade do ensino? E como a estrutura didática e administrativa da escola foram afetadas

pela pandemia? Por fim, com o intuito de respondê-las, esse trabalho divide-se em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusões.

## **Desenvolvimento**

A princípio, é preciso compreender de forma mais profunda o conceito de qualidade de ensino, pois tal compreensão é importante para entendermos a estrutura administrativa e didática da escola. Assim, tal conceito está referenciado com base na produção histórica que o homem faz de si mesmo. Portanto, tudo aquilo que é produzido pelo homem pode ser chamado de cultura. Dessa ótica, as dimensões individual e social devem ser consideradas como métricas dessa qualidade (PARO, 2008). Observando bem, trata-se de uma métrica mais qualitativa do que quantitativa. Daí, a complexidade de avaliar o processo de ensino-aprendizagem sob a ótica que privilegia os *rankings* (HYPÓLITO, 2011)

Para tanto, é imprescindível saber que para se apropriar da cultura, o homem precisa de uma instituição que a promova, que trabalhe tudo que por ela foi/é gerada: ciências, filosofia, esportes, valores, tecnologias etc. Desta forma, no que diz respeito à escola, Canário (2008, p. 75) diz que: “a expansão rápida da escolarização de massas, alargada aos públicos adultos, não se traduziu numa generalização do “bem-estar” à escala mundial”. Tudo isso porque a escola carrega suas contradições sociais e pedagógicas. Portanto, o crescimento do descontentamento desse modelo só aumentava e logo a escola passou a ser vista como aparelho ideológico do Estado e produtora de injustiça (CANÁRIO, 2008).

Segundo Paro (2008, p. 128) “A dimensão individual refere-se à própria formação da personalidade do educando pela apropriação da cultura”. À vista disso, em uma sociedade democrática tal dimensão está relacionada diretamente com o bem-estar, que em prol disso, leva

os indivíduos a irem além das suas necessidades naturais, assim, o desejo pelo que é supérfluo vai moldando a história proporcionando ao homem o desfrute daquilo que a história produziu. Ou seja, o supérfluo na perspectiva que o autor discute não significa sem valor, mas algo da ordem que supera as necessidades, para chegar à liberdade.

Desse modo, precisamos entender também o que diz respeito a dimensão social da educação que, obrigatoriamente, deve ser direcionada à formação para a democracia, pois:

A dimensão social, por sua vez, deriva sua razão de ser da condição de pluralidade do homem como ser histórico. Nesse sentido, não se trata apenas de educar para o bem viver individual, mas para que o indivíduo possa contribuir para o bem viver de todos. (PARO, 2008, p. 129).

Assim, todas as interações históricas do homem no seio social têm um cunho político que está em constante transformação. As (inter)ações não são neutras. Elas assumem o caráter de assumir uma perspectiva de (trans) formação social ou de manutenção.

Não obstante, é necessário pensar em uma estruturação para o futuro que consolide os ideais do bem-estar e para isso, podemos citar três finalidades básicas que a escola deve alcançar, são elas: a de construir uma escola onde se aprenda pelo trabalho e não para o trabalho, a fazer da escola um ambiente que estimule o gosto pelo ato intelectual de aprender, e por fim, a de transformar a escola em um espaço onde se ganha gosto pela política (CANÁRIO, 2008).

Toda essa construção social que vimos até aqui foi colocada à prova quando a escola precisou fechar suas portas para enfrentar a pandemia, que se colocou letal para 685.000 mil famílias brasileiras. Ao olhar para a realidade educacional nesse contexto de crise sanitária, percebe-se que os relacionamentos dentro do âmbito escolar mudaram completamente, quando as aulas passaram a ser remotas e com isso

veio à tona vários problemas e impasses que precisariam ser resolvidos. Desta forma, temos:

O impacto repentino das mudanças de rotina no trabalho, no estudo, nas relações, nas necessidades, nesses tempos de isolamento social, provocou rupturas com hábitos arraigados e reflexões sobre o que é essencial e o que é supérfluo, bem como demandou exercício de paciência, desenvolvimento de atividades de modo diferente. (GATTI, 2020, p. 39)

Assim, as mudanças com a pandemia foram repentinas, sem condições de grandes assimilações por parte dos gestores, professores, estudantes e familiares. Era aprendendo ao fazer, com inúmeras dificuldades em relação aos equipamentos, à formação necessária para lidar com as tecnologias digitais, às desigualdades sociais. A pandemia revelou também que não basta apenas democratizar o acesso, é preciso democratizar o ambiente escolar e assegurar as condições necessárias ao funcionamento da escola. Para isso acontecer é necessário que, de acordo com Gatti (2020, p. 38), “o papel dos gestores e professores precisará se configurar em outros contornos e sua formação repensada.” Pensar em novos papéis dos gestores e professores significa (re)repensar a própria escola (CANÁRIO, 2008). Assim, essas inquietações devem ser repensadas para além da pandemia da Covid-19, tendo em vista que a sociedade pode a qualquer momento enfrentar mais uma vez momentos de isolamento e distanciamento social.

## **Conclusões**

Em síntese, repensar sobre a estrutura e a qualidade do ensino dentro das mais variadas possibilidades que possam afetá-las se mostrou algo de extrema importância, pois todo o modelo escolar

global foi modificado por conta da pandemia, assim o que antes poderia ser visto como normal e necessário, hoje, está sendo repensado.

Contudo, pensar nas dimensões individual e social não deixou de ser importante na atual conjectura, pelo contrário, apenas essa pauta ganhou elementos e desafios novos para que se busque um bem-estar coletivo. Assim, pensamos que o isolamento não é mais algo estranho para a humanidade, antes é algo real e eminente e diante do exposto levantamos a seguinte questão: amanhã se preciso for, teremos mais maturidade e direcionamentos para lidar com um novo contexto pandêmico? Será que os governos, a sociedade civil, os profissionais da educação, os estudantes se encontram mais bem preparados para os desafios futuros? Que lições ficam? Esse é um texto que não se encerra nas conclusões, haja vista a necessidade de novos e outros aprofundamentos.

## **Referências**

CANÁRIO, Rui. A escola: das "promessas" às "incertezas". **Educação Unisinos**, v. 12, n. 2, p. 73-81, 2008.

GATTI, Bernardete A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estudos avançados**, v. 34, p. 29-41, 2020

HYPOLITO, Álvaro Moreira. Reorganização gerencialista da escola e trabalho docente. **Educação: Teoria e prática**, v. 21, n. 38, p. 59-78, 2011.

MEDEIROS, Arilene Maria Soares de Medeiros. **Administração Educacional e racionalidade: o desafio pedagógico**. Ijuí: UNIJUÍ, 2007.

PARO, Vitor Henrique. A estrutura didática e administrativa da escola e a qualidade do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 24, n. 1, 2008.